

CEDI

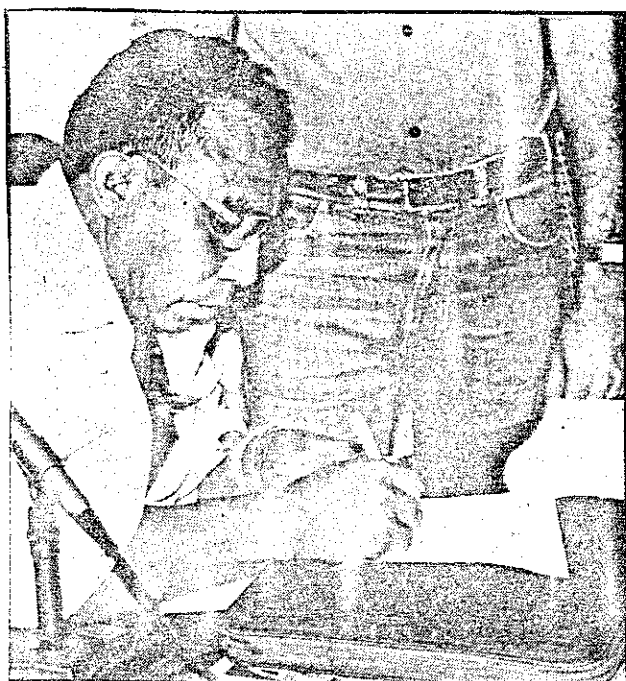
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A. Notícia

Class.: 184

Data: Agô/84

Pg.: _____



Dico assina pelos índios e Didier pela empresa estatal francesa, a Elf Aquitaine

Elf paga indenização de 300 mil dólares a índios

Uma doação da Elf Aquitaine aos índios, segundo o diretor da empresa; uma indenização por prejuízos e danos causados à vida e flora da região, para o líder Munduruku Francisco; um momento histórico para o Presidente da Funai, Jurandy, e a hora dos índios fazerem o que sempre exigiram do órgão: administrar rendas, de acordo com o delegado regional da Funai, Aldo Costa. Assim, aconteceu ontem à tarde a entrega do cheque de US\$ 300 mil pela Elf Aquitaine às tribos Sateré-Mawé e Munduruku, como pagamento por danos causados pela presença de bombas nas terras dos índios.

As bombas da empresa exploradora de petróleo, que mataram quatro pessoas não foram citadas, porque como observou o presidente da Funai, "isso faz parte de um passado que deve ser esquecido. Agora, o que importa é que os índios conseguiram uma indenização. Mas para o líder Sateré Raimundo Dico, "foi o menos pior, afinal, acrescenta, se fôssemos esperar pelo resultado da justiça, o mato ia crescer e os fatos seriam esquecidos".

Doação ou indenização

Na abertura da cerimônia, no auditório da Suframa, o diretor presidente da empresa Elf Aquitaine foi convidado a se manifestar. Mesmo justificando-se pelo "português ruim",

Didier Albin foi muito bem compreendido pelos indígenas quando se referiu ao pagamento como doação para as comunidades realizarem as demarcações de terras necessárias "e outros benefícios". Também sem um bom português, o líder dos Munduruku Francisco, chamado a se pronunciar, disse que foi receber a indenização pelos danos causados. E em voz alta, esclareceu a Didier Albin, que os 300 milhões não eram doação, porque "não-somos santos para receber esmola".

Comentários em toda a pequena plateia no auditório surgiram como uma bomba, cujo pavio terminou de ser aceso pelo líder Sateré, Raimundo Dico, que disse discordar da opinião de Didier sobre doação. "Este é o pagamento pelos prejuízos que vocês causaram às nossas comunidades. Estamos cobrando o que é justo. Vocês estragaram nossas plantações e causaram mortes", afirmou em tom emocionado. Mais comentários na plateia e a nova justificativa de Didier de que no contrato se fala em doação e indenização, por isso ele usou o termo doação.

Ao contrário do que anteriormente Jurandy havia falado, ainda há muito o que dizer sobre esse problema. "Não podemos esquecer os momentos de desespero e medo que passamos", confessou Tibuci de Oliveira, tuxaua geral do Marau, aldeia dos Sateré, e o primeiro a denunciar a presença de bombas na área. Disse ele que "as bombas estavam entran-

do pela janela e os índios não podiam permitir que isso acontecesse".

Vitória

Mesmo assim, o orgulho era visível nos indígenas e no próprio presidente da Funai. Jurandy lembrou que era lamentável que esse fato tivesse ocorrido, afinal, ele trouxe e ainda vai trazer profundas modificações na vida dos índios. Entretanto, ressaltou que "as comunidades conseguiram uma grande vitória, ao receberem essa quantia em dinheiro como uma tentativa de reaver os prejuízos sofridos. "Um prejuízo que a Funai é co-autora, já que permitiu a presença da empresa numa área reconhecidamente indígena". Esta mesma alegação foi dada pelo diretor da Elf no Brasil. Nada foi feito sem a permissão da Petrobrás e da Funai, disse Didier Albin, que fez questão de reconhecer o excelente relacionamento com os Munduruku e Sateré, definindo como um relacionamento de alto nível, lembrando ainda que lamenta determinadas versões dos fatos passado como uma idéia errada da empresa.

Mesmo depois de ter encerrado (há mais de um ano) suas atividades na Região, para Didier novos contratos podem aparecer. "O que aconteceu não foi nada especial. Tivemos esse problema na França e por isso nada aconteceu", comentou o diretor ao explicar o porquê da doação ao invés de indenização.